

Faltou prudência? Sobrou ousadia?
Recordar lições de JOSÉ ROSEMBERG

O jornal “[Folha de S. Paulo](#)” já publicou diversos editoriais a respeito do assunto e de sua posição enquanto mídia, diversa da posição a seguir exposta pelo jornal “O Estado de S. Paulo”.

Em Notas & Informações o jornal “[O Estado de S. Paulo](#)” argumenta ter faltado prudência ao ilustre Ministro do Egrégio Supremo Tribunal Federal, Dr. Luís Roberto Barroso, ao tratar em entrevista a legalização da produção, distribuição e consumo de maconha, taxando o produto como se faz com o tabaco (p. A3 edição 05FEV2017).

Seguem *links* sobre tal entrevista:

brasil.estadao.com.br/noticias/geral,barroso-apoia-legalizacao-da-maconha-para-enfrentar-crise-penitenciaria,70001649868

oglobo.globo.com/sociedade/minha-principal-escolha-diminuir-poder-do-traffic-diz-ministro-do-stf-20872440

www.luisrobertobarroso.com.br

Um dos mais apaixonantes debates em Políticas Públicas, a questão das drogas (legais e/ou ilegais) é de importância coletiva notável e exige prudência e ousadia nas abordagens indutivas e dedutivas. Soluções binárias em lógica tradicional não prosperaram e não prosperarão, pois os interesses em questão envolvem paraconsistências (contradições não triviais) públicas e privadas, sendo que a confusão entre tais âmbitos de fato e de direito geram soluções não adequadas e oportunas, contrárias ao princípio da *eficiência* administrativa.

Após ler e reler as matérias acima, e pensar e repensar sobre o assunto durante algumas madrugadas, não me pareceu ter faltado prudência ou sobrado ousadia ao ilustre ministro. Ao considerar seu brilhante histórico advocatício e excelente prática judicante diria apenas que argumentou com premissas insuficientes para as induções ou deduções que apresentou.

Em uma daquelas madrugadas em meditação, lembrei da conversa que tive com o José Rosemberg, quando aos vinte dias de outubro de 1997 levei ao seu apartamento no centro de São Paulo para dedicatória a segunda edição de seu livro “Tabagismo – sério problema de saúde pública” (obra laureada com o Prêmio 'Azevedo Sodré' 1978 pela Academia Nacional de Medicina e publicada pela ALMED em 1987) e lhe mostrei o trabalho que então desenvolvia por petições administrativa e ações populares relacionadas ao tema. Destaco aqui sua recomendação norteadora coletiva no sentido de não restringir minha abordagem jurídica e/ou militância civil a esta ou aquela doença especificamente considerada para esta ou aquela pessoa humana, pois a questão coletiva do tabagismo em **Saúde Pública** deveria ser a todo momento por mim pensada e repensada no contexto jurídico.

Com aquelas lembranças em mente, S.M.J. mister ampliarmos os elementos presentes nas induções e deduções ao aplicarmos a Bioética aos ramos do Direito relacionados ao problema coletivo, pois focar na questão do número de dependentes químicos (que não variaria em função da legalidade ou não desta ou daquela droga), no número de pessoas dependentes encarceradas em presídios; na aparente conservação do livre arbítrio que ocorreria no consumo da maconha ou cocaína e não ocorreria com o crack (sic); na opção filosófica (sic) de diminuir o poder do tráfico, desconsidera estudos científicos neurológicos e genéticos importantes que repercutem na questão, inclusive sob o ponto de vista dos Direitos Humanos, do Direito da Saúde, do Direito Tributário e do Direito Ambiental, sem considerarmos o próprio Direito Constitucional, cujos princípios informam os demais.

Para usarmos as palavras do próprio ministro “é uma questão puramente pragmática. Não é escolha filosófica, nem ideológica” vale lembrarmos que o Sistema Único de Saúde é custeado com recursos de toda a sociedade, que pagamos em carga tributária destinada inclusive para tratar as doenças relacionadas ao tabagismo e ao alcoolismo (drogas

atualmente legais), quando constitucional, legal, justo e bioético seriam tais despesas serem custeadas por quem fabricou aqueles produtos que geraram dependência química e/ou psíquica, não Contribuintes (dependentes químicos/psíquicos ou não). A arrecadação tributária gerada com aqueles produtos derivados do álcool e/ou tabaco não são suficientes para custear as despesas médicas e/ou hospitalares com doenças provocadas pelo consumo daqueles produtos, assim como não será com a maconha, com a cocaína, com o crack, ou qualquer outra droga que gere dependência química e/ou psíquica e doenças relacionadas ao seu consumo: ocorre uma confusão patrimonial entre a coisa pública (*res publica*) e o privado e as soluções advindas desse contexto não são adequadas e oportunas perante o princípio constitucional da *eficiência* administrativa. Ainda, em Políticas Públicas não é prático ou pragmático repetirmos com outras drogas algo que coletiva e historicamente já sofremos com os fatos e os direitos relacionados ao tabagismo e alcoolismo (inclusive aquela confusão público / privado acima referida, que está neste contexto).

Ao afirmarmos com o ministro que 'se não der certo a gente volta atrás' desconsideramos indutiva e dedutivamente algo muito importante em **Saúde Pública**: A Bioética, nas lições de Jean Bernard:

“A ética da Biologia e da Medicina não se restringe aos biólogos ou aos médicos. Ela também não se restringe aos teólogos, filósofos, sociólogos e juristas que adquiriram uma grande competência nesse campo. Ela concerne a todos os cidadãos. Cada um pode, a qualquer momento, ser confrontado com uma questão de vida ou de morte, e de consciência, que o toque no seu âmago. Pode-se perceber a importância desse esforço de formação e de informação dos adolescentes, dos estudantes, dos membros de certas profissões – enfim, de todos os cidadãos.”

(*La bioéthique*, tradução de Paulo Goya, ISBN 85 08 06819 0, p. 102)

Peço licença para concluir este hipertexto com uma cinematográfica ilustração que faz pensar... O filme “Sully, o herói do rio Hudson” (WARNER BROS. PICTURES): Em Aeronáutica a Bioética também é aplicável, pois *comandantes* que somos *Comandantes* não transformamos as aeronaves em laboratórios humanos (eventualmente não temos como voltar atrás e estamos todos 'no mesmo barco', ou todos morreremos ou todos viveremos)... Devemos **com prudência e ousadia** *procurar local para pouso em ambientes até então desconsiderados*.

P.S.: O Bioética aplicada em Aeronáutica gera textos inspiradores em vários contextos profissionais... como exemplificado a seguir pelo Comandante Marcelo Quaranta - que vale ler e reler - para lembrarmos que somos Humanos, antes de sermos so-le-tra-dos Jornalistas, Juristas, Juizes, etc...:

“Comandante... Na Íntegra da Palavra

Algumas vezes amigos e pessoas me perguntaram: “O que é ser comandante?”. Bem, a resposta mais simples para isso seria dizer que o comandante é aquele piloto que ocupa o assento esquerdo da aeronave, e tem a responsabilidade sobre ela e a tripulação. Teoricamente é o piloto mais experiente a bordo. Fácil de responder, embora na minha opinião pessoal, o conceito deveria ser abordado muito mais profundamente e de forma reflexiva.

Ser comandante exige a proficiência técnica, a experiência e o conhecimento da aeronave, e isso quase todos os pilotos têm a capacidade de conquistar. Ser Comandante, com 'C' maiúsculo, requer outros atributos que não estão nos manuais e normas dos órgãos reguladores. Na verdade, são atributos que devem ser inerentes ao caráter – e nisso, infelizmente, nem todos que são pilotos estão capacitados.

A maturidade, a serenidade, o equilíbrio, a temperança e a capacidade de ponderação e análise com imparcialidade são atributos que fazem parte de um universo que vai bem além da rotina do cockpit. Devem ser incorporados à vida cotidiana do piloto, para que o indivíduo possa realmente ser chamado de Comandante.

Somente tais virtudes são verdadeiramente capazes de impedir a vaidade excessiva e o exibicionismo, que não raro tosam o senso de justiça e

de avaliação. O profissionalismo de um piloto não se mede pelo tamanho do avião que ele voa.

O profissional pode ser piloto em comando de Boeing, Airbus, Fokker ou simplesmente de um Corisco. O que vai fazer dele um comandante ou um Comandante é a grandeza dos seus atos. O piloto de um Boeing pode perfeitamente ser um mero 'empurrador de manetes' diante de um piloto de monomotor. A diferença entre ambos será definida pela postura de cada um.

Hoje, se um piloto novato me perguntasse qual é o melhor caminho para ser um Comandante (com 'C' maiúsculo), eu com certeza lhe responderia com uma fórmula:

- 1) Comece a ser um Comandante dentro de sua casa, com seus pais, irmãos, esposa e filhos, tendo senso de justiça, paciência e atenção. Se conseguir isso dentro de casa, vai ser fácil levar para dentro do avião e sua tripulação;
- 2) Pratique ser um Comandante no seu meio profissional, não fazendo comentários sobre a performance operacional ou a vida pessoal dos colegas, a não ser que suas observações sejam diretamente para os próprios, e pelo bem-estar e segurança deles. Lembre-se que ninguém está livre de cometer erros.
- 3) Seja polido, educado e acessível às pessoas. Não se deixe jamais contaminar pela arrogância. Estar no comando não qualifica ninguém a semideus.

- 4) Lembre-se de que você nasceu com dois olhos pra ver, dois ouvidos para ouvir e uma só boca pra falar. Esse recado da natureza é para que ouça muito, veja muito e fale pouco.

- 5) Tenha senso crítico, mas evite ser crítico. Críticas pejorativas não acrescentam nada. Seja primeiro juiz de seus próprios atos antes de julgar os outros.

- 6) Evite as conversas improdutivas e bobas e que não levam a lugar nenhum;

- 7) Se não puder levantar, não derrube. Seja confiável para quem está ao seu redor;

- 8) Dê oportunidades na medida que as tem. Ser Comandante não significa minar o caminho de quem vem atrás, e nem empurrar quem está na frente. O equilíbrio é tudo.

- 9) Saiba reconhecer as boas atitudes de seus colegas. Avive as qualidades deles. Incentive-os a seguir em frente. É certo que um dia esses mesmos colegas ainda poderão lhe dar a mão, mas faça isso sem esperar retribuições. Não faça pano preto! Ninguém tem um QI privilegiadíssimo a ponto de ser superior aos outros, e único capaz de exercer determinadas tarefas. Se você pode, os outros também podem. Se alguém pôde, você também poderá;
e

- 10) Exercite a memória: não se esqueça de ajudar aos outros e muito menos se esqueça de quem te ajudou.

Tenha a alma simples!

([ISBN 978-85-66282-29-0](#), p. 45 a 47)